

por isso, mas sem capacidade para libertar-se, refugiando-se em reserva, em silêncio, em isolamento. Gilberto Amado deixou, sobre isso, depoimento elucidativo, contando episódio ocorrido com o jornalista, após saírem da casa de Pinheiro Machado, instruídos sobre o que escrever: “Saí com Alcindo que me levou à Casa Carvalho e, diante de aperitivos — eu ignorava até então que Alcindo dera para gostar de bebida — aquele obelisco de silêncio abriu-se comigo em confidências. Rasgou-se todo. Ó conversa! Grande parte dela não posso reproduzir. De uma franqueza estarrecedora. Impublicável. O amargor daquele grande espírito! — ‘Vão fazer com você o que fizeram comigo. Sugar. . . tirar tudo de dentro de você. . . e manter você em situação sempre subalterna. Defenda-se. Reserve-se. Senão você se perde’”(282).

O perfil de Alcindo Guanabara, que deveria considerar seu papel no advento da República, sua campanha contra o governo de Prudente de Moraes, que lhe valeu a prisão na ilha de Fernando de Noronha, alguns aspectos de seus trabalhos parlamentares, estudos sobre problemas nacionais, reduzidos a livro ou não, discursos no Congresso e intervenções nas comissões da Câmara e do Senado, de grande lucidez na análise e nos julgamentos — acabou vincado pela triste anedota do artigo contra Cristo, contada e recontada dezenas de vezes, de boca em boca, de ouvido em ouvido, registrada já em um sem número de depoimentos escritos, desde discursos acadêmicos até livros de memórias, sem falar nos numerosíssimos artigos de jornais e revistas, fixando-se em sua imagem, a que dele se guarda até hoje, como indelével marca. Essa fixação foi poderosamente ajudada a partir da narração de Carlos de Laet, ao receber, na Academia Brasileira de Letras, a D. Silvério Gomes Pimenta: “Em certo jornal, cujo redator-chefe costumava publicar artigos religiosos na Semana Santa, aconteceu que uma certa vez não o pôde fazer. Para o substituir foi então convidado um jornalista emérito. Erudição, talento, estilo, nada lhe faltava. Em breve ficou tudo ajustado: dimensões do artigo, local em que seria estampado, e também o preço da colaboração. Mas o articulista, por vezo do ofício, tinha muitas almas, e, antes de se despedir, indagou qual conviria no momento. — ‘Já sei, disse, que tenho de escrever sobre o Cristo: mas pró ou contra?’” Embora Félix Pacheco tivesse contestado, desde logo, a versão de Carlos de Laet, é curioso que Alcindo Guanabara não o tivesse feito, antes, quando tudo circulava sob a forma de anedota, muito contada em rodas jornalísticas; e que Tobias Monteiro, secretário do *Jornal do Comércio*, quando o fato teria ocorrido, não desse dele versão diversa, na essên-

(282) Gilberto Amado: op. cit., pág. 437.